

O discurso religioso e os jovens da Diversidade Católica de Fortaleza-CE

Francisco Danilo dos Santos Oliveira

Resumo: Este trabalho apresenta uma discussão acerca da relação entre a religião e os LGBTI+, buscando entender como se dão as subjetivações desse público frente aos diversos discursos acerca dos modos de vivenciar as dimensões da sexualidade e da fé. O texto apresenta uma pesquisa feita junto ao grupo Diversidade Católica de Fortaleza-CE e procura entender a relação dos LGBTI+ e a instituição, Igreja Católica. O conceito foucaultiano de estética da existência é trazido para essa discussão a fim de uma análise da disputa sobre os LGBTI+, os discursos de enquadramento ou de expressão de si, e seus corpos.

Palavras-chave: Discurso. Religião. Diversidade.

El discurso religioso y los jóvenes de la Diversidad Católica de Fortaleza-Ceará

Resumen: Este trabajo presenta una discusión sobre la relación entre la religión y los LGBTI+, buscando comprender con se dan los modos propios de constitución de estos grupos ante los diversos discursos acerca de los modos de vivir las dos dimensiones: la sexualidad y la fe.

Francisco Danilo dos Santos Oliveira. Universidade Estadual Vale do Acaraú. <http://lattes.cnpq.br/8948720656067871>. Email: danilosantossax@yahoo.com.br

El texto presenta una investigación hecha junto al grupo Diversidad Católica de la ciudad de Fortaleza-Ceará y busca entender la relación de los LGBTI+ con la institución, la Iglesia Católica. Utilizaremos en la discusión el concepto de Foucault, estética de la existencia, a fin de analizar la disputa sobre los LGBTI+, los discursos de encuadramiento o de expresión de sí, y sus cuerpos.

Palabras clave: Discurso. Religión. Diversidad.

Introdução

O tema da sexualidade tem atraído diversos pesquisadores, que se dedicam a entender a força e a dinâmica da sexualidade na vida dos indivíduos. O aumento do interesse por essa temática e o conhecimento produzido a seu respeito têm contribuído, ao longo do tempo, tanto para favorecer o reconhecimento e a promoção da dignidade das pessoas, quanto para o controle a manutenção dos papéis sociais estabelecidos.

Nos contextos mundial e brasileiro, estão surgindo diversos movimentos que trazem como marca principal a afirmação da identidade e da orientação sexual. De fato, segundo Sposito, a passagem da sociedade industrial para a pós-industrial, “deu origem ao surgimento de movimentos sociais não mais centrados no mundo do trabalho, mas marcados pela importância do conhecimento e da informação como novas formas de dominação” (SPOSITO, 2014, p. 106). Esse contexto seria favorável a novas

questões e novas lutas, como as das mulheres, as dos negros, as dos jovens, as dos LGBTI+¹.

Para Boaventura de Souza Santos (1995), o surgimento de novas formas de opressão e o isolamento político do movimento operário favorecem a emergência de novos sujeitos sociais e práticas de mobilização social. Para o autor, enquanto nos países centrais a luta pelos direitos da primeira e da segunda geração foram protagonizados por movimentos sociais tradicionais, como o partido e o sindicato, a luta que os novos movimentos sociais têm assumido é pela terceira geração dos direitos: ecológico, feminista, antirracista, anti-homofóbico etc. Essa agenda dos novos movimentos sociais é fundamental para compreender a agenda das mobilizações juvenis, mesmo no ambiente eclesial, acionadas por razões e modos de adesão distintos.

É relevante observar que as reivindicações desses novos movimentos não são facilmente resolvidas com a concessão de direitos. Para Boaventura, «a emancipação pela qual lutam não é política, mas acima de tudo, pessoal, social e cultural». No entanto, «a novidade dos novos movimentos sociais não está na rejeição à política, pelo contrário, está na ampliação da política para além do contexto liberal da distinção entre estado e sociedade civil» (BOAVENTURA, 1995, p. 182). Nesse contexto, faz-se importante pensar também como essas pautas por reafirmação das identidades e por emancipação pessoal repercutem no ambiente eclesial.

1. Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Intersexuais e outras formas de expressão da identidade de gênero e orientação sexual.

É fundamental compreender que são, sobretudo, os jovens os que mais se contagiaram com essa nova agenda de lutas e reivindicações, inaugurando um novo modo de atuar política, cultural e religiosamente. Para essa geração, a circulação e as disputas em torno do reconhecimento da diversidade assumem um papel cada vez mais relevante em seus processos de socialização. As manifestações juvenis, que questionam e promovem novas formas de existência no espaço público e privado, acabam por ser um lugar de visibilidade de indivíduos que questionam os padrões estabelecidos, de modo marcante, relacionados à diversidade sexual e às expressões de gênero.

É preciso afirmar, no entanto, que as instituições socializadoras tradicionais, como a família e a Igreja, não se tornaram irrelevantes no processo de conservação da tradição. No entanto, elas não são blocos rígidos e impermeáveis às transformações. Há diversos movimentos de abertura que surgem para atender novas demandas dos sujeitos e das instituições, como a Igreja Católica, que buscam, em alguma medida, se reinventar, para permanecerem relevantes no contexto social.

Nesse sentido, observa-se pequenos gestos de abertura manifestos em discursos e em práticas de inclusão nos serviços prestados pelas igrejas ao público LGBTI+. O próprio Papa Francisco tem adotado posturas de acolhida. Em 2013, por exemplo, quando retornava da Jornada Mundial da Juventude, respondendo a um entrevistador, afirma: “se uma pessoa é gay e procura Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la”? E continuou: “o catecismo da Igreja explica isso muito bem. Diz que eles não devem

ser marginalizados por causa disso, mas devem ser integrados na sociedade”. As palavras do Papa sinalizaram para uma clara atitude de acolhida, colocando novas perspectivas para a compreensão dos LGBTI+ na Igreja, mesmo que nos documentos oficiais não tenham tido novos avanços no sentido da acolhida a esse público.

Historicamente, a despeito de declarações do Vaticano² e de líderes católicos³, o discurso católico oficial tem sido identificado com a condenação das práticas homoafetivas e com a não acolhida desse grupo social que, gradativamente, ganha espaço e visibilidade na sociedade, resultado de suas lutas por direitos e reconhecimento. Por isso, em alguma medida, parece contraditório o interesse desse grupo em aproximar-se da Igreja Católica.

A Igreja Católica é uma instituição plural que se comporta de modos diferentes de acordo com o local de sua presença, uma lógica de enculturação. Além disso, existem expressões suas que variam de posicionamentos ultra conservadores, passam por expressões pentecostais, até atitudes mais progressistas. Diante dessa pluralidade e por causa dela, vemos surgir, em vários lugares do mundo, agentes de pastoral, sejam padres, freiras, religio-

2. Em 1986, uma carta do Vaticano aos bispos, afirma que “nenhum ser humano é mero homossexual ou heterossexual. Ele é, acima de tudo, criatura de Deus e destinatário de Sua graça, que o torna filho Seu e herdeiro da vida eterna”.

3. Em entrevista às três cadeias de televisão alemãs (Bayerischer Rundfunk, ZDF, Deutsche Welle) e à Rádio Vaticano, em 2006, o Papa Bento XVI disse que “o cristianismo não é um conjunto de proibições, mas uma opção positiva”. E “que é muito importante evidenciarmos isso novamente, porque essa consciência hoje quase desapareceu completamente”.

sos e leigos, que se dedicam à promoção e ao acompanhamento pastoral de pessoas LGBTI+.

Nessas circunstâncias, o que vem a ser diversidade católica? Não tenho elementos para responder a essa pergunta. Mas, pela maneira que a expressão foi usada na logomarca do grupo, fica claro que se trata de uma moeda simbólica que tem valor nos embates, internos e externos à Igreja Católica. Tanto nesse caso, no qual se busca “unir católicos em comunhão com o mundo GLS”, como em outros exemplos acima citados, trata-se de investigar por que, como e em quais circunstâncias do debate público as identidades religiosas são naturalizadas e passam desapercibidas, ou são ocultadas ou acionadas. (NOVAES, 2012, p. 199)

Essas discussões fazem surgir, no interior da igreja, a Pastoral da Diversidade, que é uma aproximação pastoral com pessoas LGBTI+ que possuem o desejo de vivenciar as práticas religiosas na Igreja Católica, sem abrirem mão da expressão de sua identidade de gênero e de sua orientação sexual.

As pessoas que participam desses grupos são majoritariamente jovens, o que apresenta um aspecto geracional para essa discussão. Assim como reinventam as formas de participação social acionando as diversas identidades e a despeito das instituições políticas tradicionais (sindicatos, partidos, movimentos organizados), as novas gerações buscam novas formas de experimentações religiosas. Isso, no entanto, segundo Novaes (2016), “não significa dizer que, para todos os jovens, as instituições religiosas tradicionais deixaram de constituir *locus* de agregação social, de doação de sentido para a vida e, ainda, de espaço motivador de

ações e engajamento sociais” (p. 260). Se olharmos os dados de declaração de pertencimento religioso, veremos o crescimento de jovens sem religião⁴. Para Novaes, no entanto, é preciso, primeiro, repensar a ideia de pertencimento e segundo, compreender os múltiplos significados dentro da categoria sem religião, que expressam diversas formas de ser religioso e sem religião.

O que a autora nos ajuda a entender é que a adesão que os jovens fazem da religião, hoje, é marcada por vínculos mais flexíveis, que negociam o “pacote de dogmas e regras” de cada sistema religioso e que consideram a diversidade do campo religioso como uma possibilidade real.

O tema da diversidade e a sua relação com a religião, no caso, com a Igreja Católica, é objeto bastante complexo. Ao fazer a incursão de campo, surpreendeu-nos a influência que a confissão religiosa parece ter no modo como os indivíduos percebem a própria vida e as suas relações.

De fato, tornar a religião um objeto de investigação sempre é se submeter a um considerável esforço de objetivação reflexiva. Isto, não só porque é necessário assumir e refletir sobre a própria pertença ou crença religiosa, caso haja. Mas, também, porque é preciso não subestimar a necessidade de objetivação – não menos dolorosa – dos conceitos (e preconceitos acadêmicos) que habitam o mundo ao qual os cientistas sociais pertencem (NOVAES, 2012, p. 189).

4. 16% dos jovens entrevistados pela pesquisa Agenda Juventude Brasil, em 2013, se declararam sem religião.

A seguir, apresenta-se o resultado de uma pesquisa de campo com grupo da Diversidade Católica, na cidade de Fortaleza. Esses grupos de LGBTI+ católicos têm a pretensão de estabelecer um vínculo dos jovens com as práticas católicas por meio de encontros que promovem discussões e vivências religiosas. No acompanhamento a esses grupos, observou-se que, associado às práticas religiosas, os mecanismos de poder e os dispositivos da sexualidade promovidos pela instituição, referências foucaultianas, são fortemente percebidas.

Diversidade Católica: uma experiência

Uma primeira questão que aparece ao se aproximar de grupos LGBT+ católicos no Ceará é o nome dado ao grupo: Diversidade Católica e Pastoral da Diversidade. Isso porque essa diferença de denominação significa uma diferença também de posição do grupo em relação à Igreja.

A Diversidade Católica reúne grupos de leigos LGBTI+ católicos que querem vivenciar a fé, mesmo se não encontram amparo oficial de forma a promover uma integração mais efetiva. Normalmente, esses grupos promovem seus encontros em locais não eclesiais e se dá uma importância ao sigilo e à discrição para que não venham sofrer repreensões por parte das autoridades eclesiais.

Já a Pastoral da Diversidade goza da aprovação oficial da Igreja, uma vez que, como Pastoral, faz parte do conjunto de atividades e ações pelas quais a Igreja realiza sua missão evangelizadora e presta um serviço às comunidades. Dessa forma, a Pastoral da

Diversidade pode ser implantada nas dioceses e paróquias, sendo reconhecida por bispos e padres, e incorporando-se às atividades e serviços das comunidades paroquiais. Tendo em vista que o intuito da Diversidade Católica é torna-se efetivamente uma pastoral e desfrutar do reconhecimento eclesial.

A Pastoral da Diversidade e a Diversidade Católica, na prática, são grupos surgidos no interior da Igreja Católica que acolhem as diversas formas de expressões da sexualidade e de identidades de gênero. São organizações que promovem experiências de vivência da fé católica para a comunidade LGBTI+. Depois de fazer essa diferenciação de termos, que é bastante importante para compreender essa realidade, utilizaremos, doravante, o termo Diversidade Católica, pois é como os principais grupos referenciados nesse trabalho se compreendem.

A realidade da Igreja Católica no Ceará é peculiar, pois é marcada por grandes figuras da devoção popular, como, por exemplo, o Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, cuja fama atrai milhares de romeiros todos os anos a essa cidade. Vale fazer notar que o Padre Cícero foi uma figura controversa, pois, além de padre, foi também envolvido com política, prefeito da cidade de Juazeiro do Norte, chegando a ter muitos conflitos com as autoridades eclesiásticas da época. Ao final de sua vida, já idoso, foi suspenso de ordem.

Os devotos de Padre Cícero conservaram esses aspectos de subalternidade, pois, mesmo depois da morte do padre Cícero, a Igreja não deu apoio e reconhecimento a esses fiéis que se deslocavam para visitas aos lugares considerados sagrados, mesmo esses conservando de forma piedosa as práticas do catolicismo oficial.

Esse é um aspecto que retrata bem esses conflitos de posições entre as intuições oficiais e as práticas concretas da vida dos cristãos católicos do Estado do Ceará no final do século XIX e início do século XX, mas que têm seus reflexos na contemporaneidade. Fortaleza, a capital do Ceará, ainda conserva características desse processo religioso vivido nesse período da história, de fortes práticas devocionais condizentes ou não com as práticas oficiais da Igreja.

Outro fato relevante para a compreensão do contexto eclesial de Fortaleza se dá no final da década de 70, quando chega ao Ceará, por meio de padres estadunidenses, um movimento eclesial que se autodeclarava como um modo novo de se entender como Igreja, a Renovação Carismática Católica. Como fruto desse movimento, mais recentemente, houve o surgimento das chamadas Novas Comunidades. Esses novos agrupamentos de pessoas procuram um estilo de vida religiosa mais elástico: na mesma comunidade, são aceitas pessoas com opções de vida variados: padres, leigos celibatários e leigos casados.

A RCC surgiu em meados da década de 1960, nos Estados Unidos, inspirada nos movimentos pentecostais (centrados no Espírito Santo) das igrejas evangélicas. Retomando o uso dos carismas pelos fiéis católicos, a RCC foi considerada, desde sua origem, como fenômeno próximo ao pentecostalismo protestante, uma espécie de “ramal evangélico” da Igreja Católica ou pentecostalismo católico, pregando uma fé que espetaculariza os encontros, supervaloriza a espiritualidade individualizada e explora a comunicação direta com Deus. (NICOLAU, 2006, p. 78)

Essa nova forma de vida religiosa encontra, em Fortaleza, um terreno propício ao seu crescimento, dado que, nesse momento, a Igreja Católica encontra-se ainda forte, seja nos costumes tradicionais, seja nos misticismos despertados pelos profetas presentes em vários lugares, como o próprio padre Cícero, a beata Maria de Araújo, padre Ibiapina, frei Damião e tantos outros. Desta maneira, a RCC ganha rapidamente força no contexto eclesial de Fortaleza e as práticas católicas tornam-se mais fervorosas e públicas.

No Estado do Ceará, e particularmente em Fortaleza, o espaço público é invadido pela simbologia cristã identificada com a tradição católica, a oração, os cantos de louvor a Deus e as missas performáticas, com o aparecimento e crescimento dos grupos da Renovação Carismática. Os símbolos católicos, antes confinados às igrejas, ganham as ruas, onde circulam carros com slogans religiosos – “Este carro é de Jesus”, “Deus é fiel” ou “Nossa Senhora me guia” –, pessoas rezando o terço e manifestando sua fé nos mais diferentes locais: shopping centers, praças, etc. (NICOLAU, 2006, p. 79).

Lembramos que nesse período também foi o auge das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a Teologia da Libertação, que tiveram grande aceitação no contexto eclesial do Ceará e, em Fortaleza, com a figura do bispo Dom Aloísio Lorscheider, reconhecido por sua atuação na Conferência dos Bispos do Brasil, no Conselho Episcopal Latino-Americano e pelo apoio que ele dava às pastorais sociais.

Nesse contexto bem peculiar, seguindo essas perspectivas teológicas, na última década vão surgindo diversos grupos que expressam maior diversidade de participantes. Grupos de Pastoral da Juventude ressurgem, novas articulações são feitas, o que retrata uma realidade de Igreja dinâmica e em constante mudança.

Nestes últimos anos, em Fortaleza, em meio a esse tecido eclesial complexo, surge um grupo de Diversidade Católica, inspirado em um grupo da cidade do Rio de Janeiro. Esse grupo do Rio de Janeiro foi o primeiro do Brasil, surgido de um esforço de atender a um número significativo de jovens LGBTI+ desejosos de professar a sua fé católica. Ele surge a partir de trabalhos com jovens LGBTI+ vinculados à PUC- Pontifícia Universidade Católica, por meio do departamento de Ciências Sociais, uma vez que a realidade de Igreja local não era favorável a um trabalho específico com esse público.

Os encontros eram realizados em espaços não-eclesiais, mas tinham a intenção de vivenciar a fé comunitariamente, por isso, o interesse no acompanhamento de um padre e na espiritualidade cristã. Há, nestes encontros, diversas práticas próprias do catolicismo, como a confissão e a celebração eucarística. Buscava-se nesses encontros uma certa discrição para preservação dos membros e acompanhantes. Como relata o responsável:

Começamos numa reunião a ler materiais, fazer reflexões, partilhas. As pessoas podiam falar das suas vidas, das suas histórias, depois celebrarmos a missa, fazíamos um lanche, como fazemos até hoje. E esse espaço se tornou um lugar onde gays e lésbicas podem falar de suas histórias, sobre seus dramas, sua fé e con-

tar coisas que não tinham outros espaços de Igreja onde podiam fazer isso e, muitas vezes, nem no ambiente de trabalho, escola, família... [o grupo] é o espaço que eles têm para falar da sua homoafetividade (Silvo, responsável pelo grupo do Rio de Janeiro).

A proposta do grupo da Diversidade Católica é ser um grupo de apoio aos LGBTI+ católicos, principalmente por meio da partilha de vida. Essa perspectiva é corroborada pelo relato de um dos membros do grupo de Fortaleza.

O que eu gosto muito do [grupo] Diversidade [Católica] é que nós somos basicamente um grupo de partilha. Sempre que a gente se reúne, todo mês, a gente conversa muito sobre nossa vida, como a gente tá. Geralmente, quando vem alguém novo, ela se apresenta, fala um pouco sobre ela, a gente meio que se reconhece nessa pessoa e se ajuda. Pra mim, a nossa grande ajuda é partilhar a nossa vida. Pra mim, isso é o essencial do Diversidade. A gente sempre discute algum texto, traz alguma discussão para gente conversar, mas acho que o essencial é a gente tá junto mesmo, como grupo, partilhar (Jorge⁵, membro do Grupo de Diversidade Católica).

O grupo de Fortaleza foi formado a partir de um jovem que foi estudar no Rio de Janeiro, participou do grupo Diversidade de lá e, depois mais tarde, retornou a Fortaleza. O grupo foi se formando por meio de articulações de jovens que se encontraram em palestra do responsável pelo grupo do Rio de Janeiro, em Fortaleza.

5. Os nomes dos entrevistados do grupo foram alterados para preservar suas identidades.

Muitas das articulações para formar o grupo se deram nas redes sociais, como relata o fundador do grupo.

O padre visitou novamente Fortaleza e deu uma palestra. Foi então que tive oportunidade de me apresentar como membro do grupo Diversidade Católica. Ao final da apresentação, fui procurado por uma jovem que manifestou interesse em iniciar um grupo aqui. Por telefone fui procurado por outra jovem* que tinha entrado em contato com a Juliana*⁶ do Diversidade Católica pela internet que lhe deu o meu contato [...]. Nós ficamos nos comunicando por telefone e pela Internet, até que marcamos um primeiro encontro no Centro Dragão do Mar, o qual consideramos o marco do início do grupo, em 2015. Depois da criação do grupo, os encontros tiveram início, não encontramos dificuldades (Tadeu, fundador do grupo Diversidade Católica de Fortaleza).

Esse novo grupo formado tem as mesmas características daquele do Rio de Janeiro. Inclusive muitos dos grupos de Diversidade Católica que estão espalhados pelo Brasil surgiram a partir desse grupo do Rio de Janeiro, pois muitos dos membros eram estudantes que, ao término de seus estudos, regressaram para seus estados de origem e, com a experiência obtida, fundaram novos grupos ou tiveram contato por meio dos encontros e dos eventos. Esse grupo do Rio de Janeiro, por meio desses eventos, atinge um número significativo de jovens LGBTI+ católicos.

6. *alterados os nomes de pessoas mencionadas pelos entrevistados para preservar suas identidades.

Em 2013, eu fui para a Jornada Mundial da Juventude e eu descobri pela internet que um grupo de homossexuais ia fazer um encontro lá na URCA, numa universidade, que ia reunir grupos de LGBTs católicos. Aí eu fui para esse encontro que era do Diversidade Católica do Rio, foi lá que eu conheci o Diversidade Católica. Pra mim foi incrível, foi muito bonito, eu me senti como se fosse criança dentro da Igreja de novo, sem todos esses pesos, essas preocupações que existiam na fase adulta por conta da sexualidade, de não se sentir aceito. Eu me senti totalmente acolhido, foi uma espécie de celebração, meio palestra, um seminário com os convidados que estavam lá. Foi realmente muito incrível! Eu vivi a Jornada Mundial inteira e acho que foi aí que eu me entendi (Jorge).

O Diversidade Católica de Fortaleza é, principalmente, um grupo de partilha de vida e de fortalecimento de vínculos entre participantes que se reconhecem em sua diversidade sexual e de gênero e em sua identidade católica. Seguindo aquele modelo que já funcionava por alguns anos no Rio de Janeiro.

Quando a pessoa tem a oportunidade de se apresentar, de contar toda sua experiência dentro da igreja e de ser acolhida por pessoas que experimentaram situações semelhantes, acontece a tomada de consciência de que a pessoa não está sozinha. A partir de então, os membros que decidem continuar a frequentar os encontros acabam constituindo uma família pronta para levar adiante a proposta do grupo (Tadeu).

O Grupo quer ser esse lugar de acolhida e de crescimento para os jovens LGBTI+ a partir da dimensão religiosa. Como afirma um dos participantes.

O que eu acho interessante dos grupos é você se sentir aceito dentro da igreja, você se sente à vontade e a partir disso você descobrir uma vocação, o caminho que você pretende seguir. Se a gente for ficar sempre nessa história de viver pela metade, tirar um pedaço da gente pra viver, a gente nunca vai tá inteiro e como é que a gente vai descobrir uma vocação se a gente não tá inteiro naquilo, se a gente tá escondendo alguma coisa ou abafando alguma coisa. A grande importância dos grupos é isso, que as pessoas se sintam acolhidas e sintam essa capacidade de estar na igreja. São processos, para mim, ainda é complicado isso, mas são processos (Jorge).

Por conta da peculiaridade própria de Fortaleza, sua formação religiosa e cultural, o grupo tem um significativo número de jovens oriundos de novas comunidades e da Renovação Carismática Católica, como se pode verificar pelo relato de uma jovem que participa do Diversidade Católica, mas que começou sua trajetória eclesial nesse movimento.

Com 15 anos eu tive o meu primeiro contato com a Renovação Carismática, eu participava de uma comunidade que era no meu bairro. Logo que eu entrei na comunidade foi apaixonante, até então eu não tinha esse contato com Deus. Eu era muito livre com relação à religião, porque meu pai tem uma vertente mais espírita, tem um outro lado da família que tem uma vertente que vai mais pro lado da umbanda... Para mim não existia essa vivência de experiência com Deus, então, quando eu tive esse contato com a Renovação Carismática, pra mim, foi muito profundo. Logo em seguida eu fui convidada a participar do pastoreio, a começar a coordenar grupos de jovens e eu era a pastora mais jovem da comunidade. E sempre senti um chamado de Deus muito profundo, tanto que nessa comunidade eu entrei no vocacional,

só que com um tempo eu percebi que não era o carisma que eu me identificava e aí eu conheci uma outra comunidade, que é a Comunidade Católica Shalom (Carina, membro do Grupo de Diversidade Católica).

Um dos jovens entrevistados corrobora a influência da Renovação Carismática sobre os jovens do grupo da Diversidade Católica.

Hoje tem muitas pessoas que foram da RCC (...). Acaba que as pessoas que chegam no grupo, muitas, passaram pela Renovação Carismática, mas nós não temos nenhuma ligação com nenhum grupo de Renovação, na verdade, nós não temos nenhuma ligação com nenhum grupo oficial da Igreja. Nós somos um grupo independente (Jorge).

Muitos dos jovens que estão no Diversidade, viveram experiências de rejeição nessas novas comunidades, principalmente, por sua orientação sexual, mas mesmo assim nutrem um grande desejo de aceitação por parte da Igreja institucional.

Depois de muito tempo eu procurei minha pastora, porque eu me apaixonei por uma menina perdidamente e eu disse assim: “não tem mais como fugir disso”. Então eu decidi conversar com ela e a acolhida não foi como eu esperava. Ela era a minha pastora, do pastoreio, ela era a minha acompanhadora vocacional e eu pensei que ela talvez tivesse uma outra forma de me acolher diante do que eu estava levando para ela, porque eu estava me sentindo perdida, eu estava desnorreada, totalmente, não sabia o que fazer. E quando eu fui conversar com ela, a reação dela foi a seguinte: dizer que ela não reconhecia quem eu era, dando a entender que eu era uma farsa, que eu nunca tinha falado realmente a verdade de quem eu era para ela. Sendo que aquele

momento também era um momento de descoberta. Algo que ela falou que para mim foi muito forte: “o que você tá fazendo é pior do que matar alguém, porque você está matando a si mesma”. Depois dessa conversa, eu pensei “pronto, eu vou encontrar uma solução para isso que estou sentindo, esse conflito”. Só piorou, porque minha família não sabia, nenhum amigo meu sabia, ela era a primeira pessoa que eu tinha decidido contar e foi dessa forma. E aí eu só conseguia chorar, eu não conseguia ter outra reação (Carina).

Essas Comunidades promovem um estilo de vida que prega a abstinência sexual, a continência por toda a vida, como forma mais adequada à vida sexual dos jovens LGBTI+.

Quando eu fiz a Crisma, já com dezesseis anos, foi quando eu voltei a me aproximar da igreja e, por volta dos dezessete ou dezoito anos, eu entrei numa comunidade de Renovação Carismática, a Comunidade Emanuel, do Maracanaú. Eu passei oito anos nessa comunidade, trilhando um caminho de vocação, para ser consagrado. Eu me consagrei, mas mesmo estando na comunidade eu já conseguia compreender bem a minha sexualidade, mas resolvo entrar muito por uma busca de Deus, por querer estar com Deus. Sempre com questões muito latentes, sobre estar ou não estar no caminho, estar ou não estar na igreja, sobre como eu estaria, sobre as renúncias que eu deveria fazer. Eu vivi muito nesse sentido, do dever de renunciar a minha sexualidade por estar na Igreja (Jorge).

Normalmente, o grupo Diversidade Católica se encontra em locais não eclesiásticos, como o Centro Cultural Dragão do Mar e diversas praças da cidade. No entanto, há um Instituto Religioso,

de padres e irmãos, que acolhem o grupo para alguns encontros e para a realização de trabalhos voluntários.

A existência do grupo por si só já justifica sua continuidade. As pessoas precisam saber que é possível ser gay e católico. Elas não estão sozinhas. Tem com quem conversar. Depois que a pessoa comparece a um encontro, ela é adicionada ao grupo de WhatsApp onde trocamos mensagens diariamente, estamos sempre em contato. Também temos capacidade de indicar padres compreensivos com quem elas possam se confessar sem medo e indicar espaços acolhedores dentro da Igreja. A atuação do grupo é caso a caso. O grupo atinge seu objetivo no momento em que toca o coração de uma pessoa (Tadeu).

Pois está é uma questão de grande importância para esses indivíduos LGBTI+ que não querem renunciar nem a dimensão da sexualidade, nem a fé.

Eu convivia com isso, sempre tendo lutas em relação a isso, acontecia de me apaixonar por alguém e ficar naquela contradição, até que chegou um momento que eu me apaixonei por uma pessoa de fora da igreja, que não era do meu convívio lá na comunidade e eu comecei a avaliar o que eu queria da minha vida. Me questionava muito com Deus, por que era um sofrimento muito grande e ninguém sabia. Eu questionava muito a Deus por que eu era assim e não poderia mudar, não foi uma escolha minha, eu não tive poder de escolha sobre isso e não tinha poder de escolha agora para mudar. Eu lembro que no começo, quando eu estava me entendendo, eu pedia muito a Deus para mudar. E eu queria muito estar com Deus! Eram duas coisas na minha vida que eu não queria abrir mão: de viver minha afetividade (uma vida

completa) e viver minha fé. Eu não achava justo ter que escolher entre uma coisa e outra (Jorge).

Os participantes do grupo expressam grande desejo de vivenciar sua relação com Deus, por meio da religião. Ao mesmo tempo o desejo de expressar e viver sua orientação sexual, construindo relações afetivas. Anseiam, desse modo, sentir-se acolhido pela comunidade de fé.

Eu tenho um relacionamento com a Letícia* e eu acho que é importante nos espaços que a gente ocupa deixar isso claro, porque as pessoas vão ver que não há nada de errado, que não é aquela coisa que normalmente as pessoas têm a consciência de porque é gay ou lésbica é promíscuo, ou então vai ficar se agarrando ou se pegando toda hora, quando na verdade não é isso. Eu acho que a nossa postura, a nossa forma de ocupar os espaços onde a gente anda, faz com que as pessoas nos respeitem e comecem a ver de forma diferente. E isso eu acho que não é só na igreja, mas em todas as áreas da nossa vida, no trabalho, na família, a forma como eu me comporto faz com que as pessoas vejam que não é como elas pensavam (Carina).

Para esses jovens, o processo de socialização está marcado pelo catolicismo, de modo que a identidade católica é parte do repertório a partir do qual eles entendem a si mesmos no mundo e as relações que estabelecem.

Muitas pessoas às vezes me questionam, “Carina, tu nunca foi para uma igreja evangélica, tu nunca procurou uma igreja inclusiva?” E eu sempre digo a mesma coisa. “Nunca fui para uma igreja evangélica porque eu não saberia viver sem Maria. Para

mim, era muito distante ir para um lugar onde alguém que eu amo, alguém que eu respeito não é aceito. E eu vejo Maria dessa forma (Carina).

A participação no grupo dá a esses jovens a possibilidade de estabelecer uma relação crítica com a Instituição, mais especificamente com os representantes oficiais da Instituição ou parte de seus fiéis e seus discursos. De certa forma, eles se contrapõem as narrativas sobre a sexualidade que os exclui ou os condena. Há, mesmo que vacilante, um empenho em não se deixar colocar numa posição subalterna e marginal na vivência da fé.

Na verdade, eu acho que, pensando nesses padres e nesses católicos com esse discurso bem mais conservador, eu percebo que eles não entendem o que é a homossexualidade. Na verdade, eles não têm uma compreensão da sexualidade humana como um todo. Por que você percebe que é um discurso raso, que se baseia apenas em alguns versos da bíblia e que é um discurso bem longe da compaixão. Que não olha pra gente... Aliás, nos olha, mas com o olhar que eles querem, sabe? Eles não estão prontos para olhar para gente como nós somos, com um olhar desnudo, para nos entender. Porque eu acho que uma boa conversa, se essas pessoas estivessem dispostas a conversar e a escutar os LGBTs, não só os homossexuais, mas os transexuais, as lésbicas, os bissexuais, eles iriam perceber que não existe escolha nisso. O que a gente vê hoje em dia com a internet, esse lance que inventaram da “ideologia de gênero”, é o quanto as pessoas não estão informadas sobre isso, o que a gente vê é repetição de discurso sem reflexão e sem compaixão (Jorge).

Ao mesmo tempo, Jorge relata sua experiência de desconfiança permanente com a Igreja, na medida em que relata ter subjetivado diferentes discursos que afirmam a homossexualidade como uma condição desviante da sexualidade.

E afetivamente, durante a minha vida, eu percebi que eu deixei que se introjetasse, desde a minha infância, desde quando eu estava me entendendo diferente, já fui meio que absorvendo esse discurso [desviante]. Eu lembro de, na adolescência, eu lendo esses versículos na bíblia e não entendendo o que eles queriam dizer, versículos de Levíticos, das Cartas de São Paulo, e sofrendo com aquilo. Questionando a Deus. E acho que até hoje tenho em mim esse certo preconceito comigo, no sentido da igreja. Não me impede de viver a vida, mas eu sinto que eu sempre fico com um pé atrás, sabe? Quando se trata de estar na Igreja, eu sempre fico “armado”, eu não me desarmo, quando eu estou nesse ambiente que não é o Diversidade, eu sempre fico meio “cabreiro” (expressão que quer dizer desconfiado). É um certo medo (Jorge).

Aqui, seria possível retomar dois conceitos importantes na obra de Michel Foucault (1995), úteis para entender a experiência desses jovens. Primeiro, a ideia de subjetivação que, de acordo com Foucault, é o fim de toda forma de governo. Assim, os discursos religiosos sobre sexualidade com os quais esses jovens tiveram contato são parte dos recursos que eles têm para construir sua própria subjetividade, para, ao encontrarem uma verdade sobre si, tornarem-se sujeitos.

Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma

consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga (FOCAULT, 1995, p. 235).

Em alguma medida, esses jovens católicos LGBTI+ são subjetivados como desviantes em relação a sua sexualidade, pelos discursos eclesiais e sociais. Embora desejem manter seu vínculo religioso, não deixam de relatar o sentimento conflituoso de sentir-se, nesse ambiente, desviantes.

No entanto, a experiência em determinados grupos, como o da Diversidade Católica, possibilita experiências que provoca mudanças na imagem que eles têm deles mesmos e da própria Igreja. Assim, eles colocam em cheque os discursos de dominação e subalternização.

Por que às vezes as pessoas chegam com aquele sentimento de que são impuras, de que por serem gays ou lésbicas não são dignas, existe muito esse sentimento de não ter dignidade. E eu sempre digo para eles: “Gente, independente de qualquer coisa, vocês são templo do Espírito Santo. Vocês não deixaram de ser morada de Deus porque você está com o rapaz ou porque você namora com a moça. Vocês permanecem como templo, vocês são sacrários vivos de Deus, então, é necessário que vocês cuidem disso, independente dos caminhos que vocês querem.” Eu fico muito feliz com esses processos que estão desenvolvendo no decorrer desses anos. A gente já tá com três anos de grupo, já passou muita gente, algumas pessoas, como eu já disse antes, não estão mais no grupo. Acho que a gente fica feliz, porque direta ou indiretamente a gente vai vendo que as coisas vão mudando, vão acontecendo e as pessoas vão se apropriando da identidade delas, de quem elas são de verdade (Carina).

Neste ponto, podemos discutir outro conceito Foucaultiano: a estética da existência, resultado de um processo que levaria o sujeito a estabelecer um estilo de vida que está menos comprometido com os valores universais reconhecidos pela sociedade e suas instituições e mais com a sua autoafirmação. O grupo Diversidade católica parece ser, então, esse lugar onde é possível vivenciar de forma mais integral a diversidade sexual e de gênero, permitindo uma *estética da existência*, ou seja, corpos que produzam seus discursos e possam se dizer de modo a expressar suas subjetividades.

[...] uma maneira de viver cujo valor moral não está em sua conformidade a um código de comportamento nem em um trabalho de purificação, mas depende de certas formas, ou melhor, certos princípios formais gerais no uso dos prazeres, na distribuição que deles se faz, nos limites que se deve observar, na hierarquia que se respeita (FOUCAULT, 2014, p. 107).

Segundo Foucault, a estética da existência aponta para a possibilidade de o indivíduo produzir seu discurso de autoafirmação, visando a produção de si, por ele mesmo. Assim, a relação com o corpo, suas condutas, crenças são produzidos e transformados em função do conhecimento de si. Essas práticas que levam a uma estética da existência resultam ou se produzem por meio da reflexão sobre os modos de vida e sobre as possibilidades de escolha de cada um.

O discurso, um dos principais artifícios utilizados para o controle dos indivíduos, não deve mais subjugar os corpos, mas o

corpo deve produzir seu discurso a partir de uma performance própria, reveladora de dignidade e grandeza. Trata-se daquilo que Foucault nomeia de *estética da existência* e, posteriormente, desenvolve como *cuidado de si*.

Os grupos da Diversidade Católica, nesse sentido, podem favorecer a reflexão sobre os modos de vida vigente e, por isso, engajar o indivíduo num trabalho de si mesmo, em busca de sua autoafirmação. Esses grupos são espaços de confiança, em que se pode falar sobre si mesmo, com pares. São espaços que fortalecem a convicção da própria identidade, de modo a encorajar as relações e as condutas fora do grupo (a estética da existência não implica num alheamento da realidade).

Considerações finais

Nesse artigo, propôs-se descrever um fenômeno religioso que tem ocorrido nos últimos anos em território brasileiro, influenciado por movimentos de LGBTI+ presentes no mundo: a criação de grupos católicos que, mesmo quando em conflito com as orientações oficiais, querem vivenciar sua fé e expressar as suas identidades de gêneros e orientações sexuais.

A discussão acerca da sexualidade e de gênero é uma das pautas das lutas dos movimentos sociais em diferentes partes do mundo que tem obtido grandes conquistas. Desde 1990, a homossexualidade deixou de ser considerada doença mental pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e, ao longo desses anos,

diversos países vêm regulamentando a união de pessoas de mesmo sexo como direito da população LGBTI+.

A Igreja católica representa uma força de resistência a esses movimentos, uma vez que é uma das instituições que mais mobilizou seus fiéis para reafirmação do modelo patriarcal de família, contra o reconhecimento de direitos civis da população LGBTI+. Sua concepção de sexualidade e da função do sexo como reprodutiva fundamentam seus principais argumentos para determinar a sua luta em defesa da família tradicional.

Apesar da estrutura católica ser rigidamente formada por uma hierarquia e com normas e orientações que são definidas de modo a manter um padrão doutrinário e moral sobre todo o corpo católico no mundo, as igrejas locais, arquidioceses e dioceses, nos mais diferentes países, com tecidos sociais complexos e dinâmicos, sofrem também a influência desses debates promovidos no mundo secular. Assim, a Igreja, nesses locais, vai assumindo comportamentos que promovem determinadas pautas sociais e tomando posturas de acolhimento e partilha.

Então, a questão da diversidade sexual e de gênero vai tomando contextos múltiplos, possibilitando assim que as pessoas LGBTI+ encontrem seu lugar também nessa instituição. Não é algo simples, mas aos poucos vão se construindo ambientes em que os fiéis e as autoridades eclesiais compreendem e acolhem a complexidade da pessoa humana e as diversas formas de se estar no mundo.

Esses indivíduos LGBTI+ católicos que querem vivenciar as práticas da religião, aquilo mesmo que compõe o campo religio-

so católico, vão assumindo estratégias que contribuem para a sua permanência nas comunidades eclesiais. Esse tem sido para eles um “campo de disputa”, pois vão assumindo determinadas posturas, que os permitem assumir sua identidade católica e todas as práticas condizentes com essa expressão de fé, e ao, mesmo tempo, esperam da instituição um acolhimento da diversidade sexual.

Essa relação dos indivíduos LGBTI+ com a Igreja Católica não se dá de maneira simples, pois tem muito a ver com o modo como o escopo social vai se comportando. Parece-nos que as famílias vão se estruturando a partir de novos contextos, das lutas sociais em torno do tema e, assim, de uma maior visibilidade desse público, como já acontece no cenário artístico com figuras de grande repercussão que vivem sua orientação sexual e identidade de gênero de modo a não reproduzir os modelos heteronormativos.

Regina Novaes (2012), ao falar da diversidade religiosa no Brasil e das novas configurações no campo religioso, traz essa questão referente às disputas no tocante ao campo religioso como um fator geracional. Podemos aplicar essa observação também para a diversidade sexual e de gênero: na medida em que aumenta a aceitação da diversidade sexual e de gênero nos seios das famílias, modifica-se a maneira social de entender a temática e os indivíduos LGBTI+. As novas gerações estão muito mais preparadas do que as anteriores a assumirem sua orientação sexual e sua identidade de gênero nas famílias e na sociedade, de modo que a visibilidade desse público e as formas de lidar socialmente com a questão também se ampliam e se modificam.

Nesses exemplos podemos perceber que o “leque da diversidade cultural que compõe a nação” ganha e/ou perde visibilidade, legalidade e apoio do poder público de acordo com diferentes disputas e alianças no campo religioso e no campo político. Contudo, a meu ver, para além das estatísticas e visibilidade no espaço público, para perceber ampliação do pluralismo no interior do campo religioso é preciso olhar, mais atentamente, para as relações entre gerações. Na medida em que diminui a transmissão religiosa intergeracional, e aumentam as famílias multirreligiosas, modificam-se as maneiras socialmente disponíveis para lidar com a questão da diversidade religiosa (NOVAES, 2012, p. 200).

Isso reflete diretamente nas comunidades eclesiais e no modo como elas tratam o tema. A questão que fica é como esses grupos orientarão sua prática. Os Grupos de Diversidade Católica podem ser um lugar de grande acolhida para os jovens LGBTI+ e espaço onde podem expressar todo o sentido religioso da fé católica e, ao mesmo tempo, expressar sua identidade sexual e de gênero. Ou, também, esses grupos podem se configurar como uma nova tentativa do religioso enquadrar a sexualidade desses jovens por meio de reafirmações sobre condutas e práticas.

Nas entrevistas feitas, aparece claramente as possibilidades de uma estética da existência, mas não estão excluídas também as possibilidades de o grupo se converter em espaços de enquadramento. De fato, o tema da sexualidade e da religião é um campo de grande disputa. Aos grupos da Diversidade Católica, na medida em que se oficializam na estrutura hierárquica da Igreja, caberá o desafio de se incorporar às estruturas eclesiais sem torna-

rem-se espaços de enquadramento, mas mantendo a perspectiva da acolhida e da estética da existência.

Referências

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. *História da sexualidade: o cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. O sujeito e o poder. In Dreyfus, H; Rabinow, P.; *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995.

NICOLAU, Roseane Freitas. O sentido da comunidade católica Shalom entre os carismáticos de fortaleza. *Revista de Ciências Sociais*, v. 37. n. 1, p. 77-91, 2006.

NOVAES, Regina. Juventude, religião e espaço público. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 32(1): 184-208, 2012.

NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 175-190.

NOVAES, Regina. Juventude, religiosidade, territórios e redes: reflexões sobre resultados de pesquisa. In *Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças*. Organizadores: PINHEIRO, Diógenes [et al] – Rio de Janeiro: Unirio, p. 236-263, 2016.

SANTOS, Boaventura S. Os novos Movimentos Sociais. 1995. Original in. *De la mano de Alicia: Lo coail y lo político en la postmodernidad*. Santafé de Bogotá: siglo de los hombres Editores, Facultad de Derecho Universidad de los Andes, Ediciones Uniandes, p. 312-331.

SANTOS, Boaventura S. *Os direitos humanos na pós-modernidade*. Oficina Centro de Estudos Sociais Coimbra, nº 10. p. 4, 1989.

SPOSITO, Marília Pontes. Ação coletiva, jovens e engajamento militante. In. *Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais*. CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (Org). Niterói, RJ; editora da UFF, p. 97-130, 2014.